

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

EPISÓDIO 6 – CIA. MÁRIO NASCIMENTO

01:00:16:06

ABERTURA

01:01:08:22

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Uma rotina... Há 30 anos eu faço... O mesmo treinamento... Fico no escuro assim... Acho que é o lugar onde que eu... Eu fico mais à vontade. Um lugar como esse, desde quando eu comecei minha carreira profissional, porque dos 16 anos até os 20, eu fui estudante dentro de uma escola de dança, estudante simplesmente e só fui entrando no palco 4 anos depois de ter começado a fazer ballet.

01:01:55:01

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Eu aprendi a gostar dessa rotina, eu acho que a arte sem essa rotina... É vazia, eu preciso dessa rotina para poder pesquisar, continuar estudando, continuar evoluindo. Aqui que eu fico horas e horas, às vezes de madrugada estudando.

01:02:56:08

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Quando eu entrei no ballet, eu queria fazer tudo. Então desde o ballet clássico, passando pelo jazz, pelo ballet moderno, tudo que tinha ali, capoeira, tudo que eu podia fazer. É como se eu tivesse pedindo um socorro, então eu vinha de uma tragédia familiar, que foi a morte do meu pai, que foi... tinha sido assassinado, então eu tava naquele processo ainda, com a família, de recuperar. O que eu sentia naquele momento é que eu deveria ocupar o meu tempo, então eu queria fazer tudo, eu ficava uma média de 10 horas por dia na academia. Em muitos momentos, eu morei na escola, então eu cuidava da escola, em troca eu fazia todas as aulas.

Vamos lá.

Deu!

Balanço, balanço!

01:04:50:16

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Depois que comecei em Campinas, eu ingressei numa outra escola em São Paulo, de uma grande professora, Toshie Kobayashi, e por lá eu fiquei durante oito anos estudando ballet dança clássica. E a Toshie, foi incrível que ela, logo no começo, falou: "você não é um bailarino clássico, você é uma bailarino à caráter." Então fui estudar Graham, fiz aula com Klauss Vianna e aí comecei a entender que a dança não era aquilo, não era o ballet, porque a dança tem muitos caminhos.

01:05:41:14

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

A companhia muito depois, depois de muitas coisas, depois de eu ter dançado com o Lennie, na companhia do Lennie e durante um ano, eu passo aí na Europa em alguns momentos para estudar, para aprimorar, ingresso no ballet da cidade de São Paulo, fico pouquíssimo tempo, porque aí muito novo

ainda, sou convidado para ir para o Cisne Negro e assumo essa companhia junto com a Hulda Bittencourt, que é uma grande diretora que me ensinou a dirigir.

01:06:31:08

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Eu começo a trabalhar de forma independente, aí já não querendo pensar em Companhia e começo a trabalhar, principalmente no Centro Cultural São Paulo e participando dos eventos. A companhia, naturalmente, o meu grupo começa a nascer ali. Eu acho que foi o lugar onde eu também tive espaço para pesquisar, para entender o que eu estava fazendo.

01:07:37:14

Sônia Sobral – Gestora de Artes Cênicas

Ele monta a companhia dele em 98 como Fábio Cardia, um músico. Os dois são diretores da Companhia Mário Nascimento. Já começa aí a gente entender uma certa característica, que é uma ligação de música com dança muito profícua, muito juntinho, assim.

01:07:58:17

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Nesse momento, eu conheço o Fábio Cardia e a gente passa a trabalhar junto. Naturalmente, a gente monta, sei lá, três trabalhos e inaugura a companhia profissional.

01:08:16:07

Fábio Cardia – Diretor Musical

A minha irmã, ela é bailarina profissional. Na época, ela integrou o grupo original do Mário Nascimento, chamado "Companhia Canvas". Um belo dia, ela comentou como Mário que o irmão dela era compositor, arranjador, e através dela, a gente se aproximou. Ele tava precisando de ajuda para fazer uma trilha para um espetáculo de dança e eu>nunca tinha tido experiência com isso e me empolguei. E foi uma experiência muito legal, foi muito diferente. Acho que ele gostou da experiência também de trabalhar com música composta, e a gente começou a fazer algumas incursões, bem a título de experimentação mesmo.

01:09:52:04

Fábio Cardia – Diretor Musical

De 96 para 97, surgiu a oportunidade dele se apresentar, dele fazer um solo no Centro Cultural de São Paulo. Ele falou: "Poxa, ia ser interessante, talvez, se a gente pudesse fazer isso ao vivo". Ele não queria um músico fazendo música de fundo para um bailarino, a gente logo de cara propôs um desafio, ele falou: "vamos tentar contracenar", quer dizer, eu improvisar um pouco em cima da coreografia dele e ele também improvisar um pouco em cima da música que ia sendo construída naquele momento.

01:10:40:07

Fábio Cardia – Diretor Musical

A gente foi se desenvolvendo até que a gente chegou num espetáculo em 99, chamado "Escapada". A gente já tinha alcançado um nível de evolução que permitia a compreensão mútua da linguagem, acho que de uma maneira mais sofisticada. Metade do espetáculo era totalmente 99 improvisado. A gente tinha marcações, então durante um espetáculo de uma hora, você tem alguns pontos marcados aonde a gente sabia que tinha que se encontrar ali. Entre esses plots, a gente tinha um certa liberdade para ir construindo, brincando, e instigando-se mutuamente.

01:11:35:18

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

O "Escapada" ganha um prêmio importante, que é o APCA, logicamente me lança definitivamente ali, e completamente inesperado e a gente não imaginava, não esperava prêmio...

01:11:49:12

Fábio Cardia – Diretor Musical

Foi um espetáculo de imenso sucesso, aqui no Brasil a ponto da gente ser convidado para fazer uma tour pela Bélgica e pela Alemanha. Foi ali naquele momento que cristalizou a ideia com esse espetáculo da gente ir retornando pro país, de criarmos uma companhia de dança.

01:12:09:05

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

E surgiu a companhia, eu o Fábio, os dois em cena, né, aí é um trabalho de músico com bailarino, a pesquisa é feita simultaneamente né? E eu necessito daquela música, aquela música necessita dos meus movimentos.

01:12:25:18

Fábio Cardia – Diretor Musical

A novidade ali tava que os dois dirigiram juntos. Foi aonde a gente achou de verdade o respeito mútuo, aonde a gente parou de ter medo de brigar, e de discutir em prol das ideias. Foi aonde de verdade a gente entendeu que quem manda é a obra.

01:13:52:29

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:14:08:10

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:14:45:27

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Eu não sonhava com Companhia, nós não paramos e sentado assim: "vamos criar a companhia". O trabalho é muito bem sucedido, "Escapada", ele ganha o prêmio e tem ótimas críticas, vai para a Europa, na Europa tem vários acontecimentos. Numa turnê extremamente rock'n roll, o Fábio volta mal, eu também volto doente, a duplas e separa. Naquele momento, a gente deu um tempo porque mais parece um grupo de rock do que uma companhia de dança. O Fábio vai para um lado, eu vou pro outro, eu passo por um divórcio e decido vir para Minas Gerais.

01:15:32:23

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

Se a gente ouvir mais a música, a gente pode aproveitar mais a sensação que a música tá passando, mais pesada ou mais leve, ou mais irônica, para a gente também ter cores diferentes ao longo do espetáculo, e a gente não ficar com o mesmo temperamento. Eu posso estar aqui com um temperamento, como eu posso estar aqui com outro temperamento e é o mesmo gesto.

01:16:31:26

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Cuidado Dalto, com as mãos, tá? Cuidado. Porque assim, se você tenciona aqui, olha, se você tenciona aqui, se sua mão fica aqui, ela fica difícil para você pegar o gesto e você delimita o espaço. Percebe quando você faz o movimento, ele não tem final? Se você faz isso, ele é final. Aqui é final, ó, aqui é final. Agora, não tem final, ó. Eu não tenho final, é infinito.

01:17:48:14

Silvia Soter – Professora e Pesquisadora em Dança

O Mário, ele migrou, a Companhia nasce em São Paulo, vai para Minas. Que é um lugar que tem muita dança. E eu acho que o Mário traz essa indagação inclusive, que tá do sair do seu lugar de origem, tratando desse lugar, do embora e do partir, e que pro Mário é partir de várias coisas, partir de São Paulo, mas é também partir de um lugar de intérprete, de grandes companhias, que ele trabalhou em São Paulo, mas também de um lugar que ele também conhecia, de criar para grupos chamadores de dança, dos festivais, e ele escolhe um outro caminho.

01:18:33:20

Sonia Sobral – Gestora de Artes Cênicas

Ele diz que, daquele momento de muita rebeldia da companhia em São Paulo, quando ele vai para Minas, ele consegue um tempo para sofisticar o trabalho. Ele logo de início, encontra uma bailarina, que é a Rosa Antunã, que logo se torna importantíssima bailarina do elenco, depois ela passa a ser assistente de coreografia e hoje, ela dirige a companhia com o Mário Nascimento e com o Fábio Cardia. Hoje são três ali.

01:19:22:24

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

Eu achava que eu ia ser uma bailarina clássica de companhia clássica e fazer uma carreira assim. Comecei a coreografar pra Escola do Palácio das Artes e um dia, o Mário Nascimento estava assistindo o ensaio geral, e a partir daí que ele já foi conversar comigo, falou que tava trazendo a Companhia dele para cá, que tava com um projeto novo, que ele gostaria de experimentar essa parceria também comigo. E aí a gente conversando, aí eu contei que eu também tocava pandeiro, que eu tocava num grupo de coco, que eu tocava no maracatu de Belo Horizonte. À essa altura, já tinha feito vários workshops de teatro e eram coisas que eu não conseguia trazer para a dança, era tudo muito separado. E aí o Mário foi ficando empolgado e já falando: "Nossa, não, vamos começar!"

01:20:35:19

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

Foi muito legal porque parece que tudo o que eu tinha, ele foi arrancando. O que eu já trazia, o que eu já curtia fazer. Ele não impôs nada. Esse foi o ponta pé inicial pra uma parceria que, em 2018, vai fazer 15 anos que eu estou na companhia e a companhia vai fazer 20 anos.

01:20:55:23

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

"No princípio amava as pessoas, pensava que tudo seria certo e justo. Até que houve a primeira partida. A segunda, a terceira... Sempre tinha alguém escapando de mim. Nunca gostei das despedidas embora tenham sido necessárias. A dúvida me traz em um aperto e a certeza me assegurava o choro. Só choro quando estou só, de preferência no escuro. É quando não me seguro e grito."

01:21:24:09

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Foi muito importante pra mim, como criador, a chegada da Rosa. Chega uma artista instigante, com ideias, que quer falar em cena, que quer tocar em cena. Que é uma exímia bailarina, vem do balé clássico com muita qualidade, também técnica, e quer se introduzir na dança contemporânea. Enfim, entra assim. Ela não pediu, a Rosa não... Ela entrou, simplesmente. Isso é muito bom.

01:22:22:04

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Ela passa a fazer parte ali, primeiro como intérprete, uma grande intérprete. Eu uso todos os recursos que ela tem em cena, por exemplo, no "Falador", onde ela dá o texto, ela toca, ela representa, ela faz tudo ali, e surge uma grande artista, com críticas chamando a Rosa de "a grande artista brasileira" e a Rosa passa a influenciar porque ela passa também a trazer outros artistas para o grupo que estão interessados também no trabalho dela, não só no meu trabalho.

01:24:00:19

Eliatrice Gischewski - Bailarina

O meu contato primeiro foi com a Rosa. Eu estudei no CEFAR aqui, e na época a Rosa fez a coreografia da minha formatura e aí foi quando a gente se conheceu e assim, até tem também um pouco a ver com essa coisa de eu ter vindo com a Rosa que eu tenho uma identificação de movimento e de pesquisa muito forte com ela. Uma coisa de eu me inspirar mesmo nela assim, desde que eu cheguei, eu acho o casamento artístico dos dois muito rico assim. São Yin e Yang, no movimento. É muito claro no movimento do Mário que é muito na terra assim, e o movimento da Rosa que é água. Pra mim assim, pessoalmente, é o que eu acho que me alimenta mais assim, que eu tento passar nos dois lugares assim.

01:25:06:10

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Então eu acho que a Rosa traz uma outra maneira do tratamento ali, eu acho que o movimento, mesmo na questão do movimento, tem uma coisa mais delicada, uma coisa mais feminina ali que junto com a coisa forte, eu acho que dá uma outra... Uma outra tonalidade, uma outra textura para o trabalho. E eu acho que ela cresce com o grupo e o grupo cresce junto com ela, só acrescentou.

01:27:02:15

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:27:17:16

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:28:51:23

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Existe muita escuridão no mundo. Existe pouca luz e eu acho que eu trabalho muito bem com isso, de saber que tem pouca luz.

01:29:35:24

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Acho que depois do "Escambo" que foi muito bom, a gente teve um momento ali de fazer trabalhos que alguns me falam que são trabalhos mais claros. O "Escambo" e o "Falador" são trabalhos muito pra cima, o público se encanta com tudo aquilo. Parece que estão todos muito felizes. O público aplaude de forma

entusiástica. Mas logo depois, eu acho que existe uma... O grupo, e eu também, sofro algumas transformações. Então vem uma trilogia de três trabalhos que é o "Escapada, o "Nômade" e o "Território Novo".

01:30:18:08

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

"Escapada" que é o primeiro trabalho que o Mário fez, com o parceiro dele músico Fábio Cardia, e esse trabalho estreou em 97 e ele fez a releitura de escapa para a companhia em 2010, e que foi maravilhoso porque ele trouxe a experiência dele de um solo que é um trabalho muito autobiográfico, mas ele trouxe e compartilhou com 10 bailarinos e cada um entrou nessa história do Mário e trouxe a sua história também.

01:30:56:13

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

"Escapada" são pessoas procurando um lugar, escapando de um lugar para o outro, fugindo. E aí a coisa de fugir da guerra, fugir desses lugares. O território não é a dominância, esse é o meu lugar e ninguém pode entrar. Eu delimito o espaço, então eu coloco um muro, então é a fronteira. Você não pode vir porque esse é o meu lugar, e fala também da conquista de um lugar, de um território seu, da sua evolução. Você como ser, como artista, e a isso vem o nômade que é o não-lugar.

01:31:31:28

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

O "Nômade" seria você desapegar disso que você está dando tanta importância e falar: "Não, eu pertencço ao mundo, e o mundo é de todo mundo. E esse lugar não é meu, esse lugar é nosso". Então seriam essas três etapas: a fuga, a briga pelo seu lugar e o desapego desse lugar e o confraternizar com o mundo.

01:31:51:22

Mergulha, isso!

01:32:04:11

Puxa bem o pé. Paralelo.

01:33:06:21

Fábio Costa - Bailarino

Quando eu cheguei aqui, em Belo Horizonte, eu não tinha muita experiência com uma área. O "Escapada" foi onde eu peguei a carona na companhia. Depois do "Escapada" a minha primeira montagem com a companhia foi nômade. Tem tudo haver comigo, né? Entro em uma companhia lá em Araraquara, não conhecendo a linguagem de dança contemporânea. Depois vou pro Rio, conheço as companhias Sônia Destri, Paulo Emílio Azevedo...E aí estou aqui. Tipo, viajei bastante assim, conheci pessoas, e aí o Mário vai e monta "Nômade", né? Aí eu falei: "Não, eu tenho que jogar a minha vida ali". Eu acho que foi o trabalho, assim, que eu fiquei mais à vontade assim.

01:34:36:24

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

O Mário, ele é enérgico para dançar, é muito forte, é muito masculino, é muita testosterona. E eu tenho um lado meu que é muito forte, mas por outro lado meu corpo sempre foi frágil. Então assim, eu não conseguia repetir tantas vezes quanto ele queria um ensaio, uma sequência, porque o meu ombro saía do lugar, o meu pé torcia, a minha vértebra rodava. Então, isso foi obrigando ele a achar outros caminhos

para trabalhar comigo para mim ensaiar. Por outro lado, ele foi estudando muito o meu corpo para ver o quê que não me machucava. E aí também ele foi encontrando uma qualidade de movimento mais líquida, mais feminina, mais delicada, mas que precisava ter precisão e qualidade. Então ele foi me ajudando a construir, a delimitar uma série de movimentos que ficavam interessantes para o meu biotipo. Eu fui entendendo isso e ele também foi cedendo e foi estudando o que que era possível, então com isso nós dois crescemos muito.

01:36:35:03

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

No início, no "Escambo", a gente ainda teve muitos atritos. A intérprete e o diretor eram dois artistas brigando em prol da arte porque os dois queriam que desse certo. Não era brigando pessoalmente. E com o passar dos anos, esses atritos foram diminuindo cada vez mais. Eu aprendi a ceder, eu aprendi a tentar ver outro ponto de vista e ele também. Então, na hora que chegou a oportunidade de dividir uma direção e uma coreografia com ele, a gente 'tava' pronto.

01:38:46:21

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:39:01:09

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:40:10:12

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Eu falo " não sou professor de dança", eu falo pro Eurico, eu falo "eu sou um treinador de dança, eu gosto de treinar, auxiliar o artista a descobrir coisas que pertencem, na verdade, a eles." Esse treinamento é um trabalho de parceria.

01:40:25:23

Nayse López – Jornalista e Curadora

O Mário se tornou um professor importante, que eu acho que esse é um aspecto da obra do Mário que as pessoas às vezes não dão importância. O Mário formou muito bailarino como professor e como... Em workshops e coreografando para outras companhias, porque coreografar de encomenda, por assim dizer, quer dizer, coreografar um grupo que não está trabalhando com você por muito tempo e não está nessa sua linguagem é super difícil. O Mário é muito hábil em pegar um grupo de pessoas e criar alguma coisa com elas, então eu acho que o trabalho do Mário é muito simbólico de um tipo de profissional de dança que não existia no Brasil e que passou a existir a partir da geração dele.

01:42:08:11

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

É o impulso isso?

01:42:09:04

Bailarino

É o impulso.

01:42:11:04

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Então esse tem que ser um perna... tem que ser uma perna bem deslocada, porque ela tá muito...tá muito dura.

01:42:15:25

Bailarino

Tá.

01:42:22:06

Eliatrice Gischewski - Bailarina

Eu entrei, o Mário já tinha começado o processo de criação do "Território nu", eu entrei muito de coração aberto, mas eu morria de medo, eu falava assim:"gente, eu vou cair de paraquedas na criação, eu nunca dancei nada dele!" Mas, na verdade, o Mário pegou tudo que eu tinha e colocou, é isso que ele faz sempre, ela pega o que o bailarino tem, ele faz as coisas muito específicas, tanto que os ballets tem pouca coisa de grupo, porque ele usa muito, assim, a corzinha de cada um e aí ele pincela.

01:43:33:02

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

Eu preciso de pessoas que pensem, que falem, que reflitam, que vão contra aquilo que eu tô colocando ali, que me contestem também, tanto a mim, como o Fábio, como a Rosa, que se coloquem como artistas de verdade, para se colocar como artista de verdade, você tem que pensar, você tem que analisar, você tem que trazer discussões. A construção do grupo, ela se deu exatamente dessa parceria minha com o Fábio Cardia, e depois com a chegada da Rosa, e com toda uma série de bailarinos que passaram por grupo. O grupo tem essa coisa eclética de... não tem que ter uma cara para entrar, mas você tem que entender a cara, a nossa cara.

01:45:24:04

Fábio Costa - Bailarino

Todo mundo às vezes tá cansado, tá machucado, mas quando entra em cena, assim, é um segurando a mão do outro e vamo embora até o final. Isso eu acho que é legal, eu acho também que vem da história dele, tipo, porque o cara, ele chega na aula, assim, ele tá cansado também, mas não mostra, e aí você vai...É o espelho. O que ele vai passando, você vai colhendo, vai sentindo, você fala: "não, eu vou na onda do cara também, eu vou indo", e ele pega da gente também e vai... acho que por isso que a coisa é tão visceral, né? Tão forte.

01:46:49:05

Rosa Antuña – Bailarina e Assistente de Direção

A gente tem mesmo um jeito de dançar que é como se fosse a última vez, como e a gente dançasse buscando a máxima presença no aqui, agora. As pessoas que acabam ficando aqui na companhia são pessoas que têm algo assim, ou elas não vão aguentar. E a gente tem um espírito de<guerreiro; isso vai tudo mesmo pro movimento, pra dança, pra presença e também para a sua atitude com a vida e a forma de pegar a sua carreira. Só fica nessa carreira de dança contemporânea no Brasil quem é muito forte, muito cabeça dura, porque em volta, tudo tá dizendo para você desistir. Então eu acho que isso, também essa diversidade toda faz com que a gente ainda fique melhor, porque dá uma raiva! A gente pega essa energia e canaliza, coloca pro trabalho.

01:47:46:07

Mário Nascimento – Diretor e Coreógrafo

O complicado acho que da dança é você... é você manter o trabalho, é você manter uma rotina, você manter a linguagem, você aperfeiçoar a linguagem e dentro disso, você continuar pesquisando, continua revolviendo, porque não tem um final... "ai, eu terminei, eu criei uma técnica." Eu acho isso meio absurdo, eu acho... "eu criei", não; tem uma linguagem, essa linguagem, ela tem que continuar crescendo.

01:48:49:24

Fábio Cardia – Diretor Musical

Existe um tipo de trabalho que você só consegue errando durante anos e isso só é possível quando você tem uma parceria de longo prazo. Essa parceria que a gente estabeleceu, eu acho que é o maior patrimônio da companhia, assim.

01:49:45:10

CRÉDITOS FINAIS